

S.O.S. Pesquisa escolar

M.^a Maria Clara Fonseca¹

Prof.^a Dr.^a Maria Celeste de Moura Andrade²

1. Os caminhos da pesquisa escolar

Aproximadamente há 40 anos, as autoridades de educação manifestaram a preocupação com o baixo índice de aproveitamento do ensino no Brasil, chegando à conclusão de que havia uma grande lacuna proveniente da inexistência de um método eficaz de ensino capaz de elevar o nível de qualidade da educação e desempenho dos alunos. A pesquisa foi instituída no país por um decreto, objetivando inovar as práticas de ensino. Para Luís Milanese a intenção da lei de incluir de novas práticas não trouxe mudanças significativas para o trabalho escolar e faz a seguinte analogia: [...] “isso seria correto se o pensamento de Pascal ‘ensina-me a ajoelhar que eu aprenderei a rezar’ tivesse aplicação no ensino brasileiro” (MILANESE, 1988, p. 43).

A Lei n.5692, de 11 de agosto de 1971, introduziu a Reforma do Ensino no país e decretou, oficialmente, a prática da pesquisa na escola. Uma vez instituída a atividade como um ato de imposição, a mesma reforça os vícios da escola brasileira. Diante desse ato arbitrário da pesquisa Milanese destaca dois fenômenos:

a ineficácia de um decreto que exige mudanças sem levar em conta as deficiências sedimentadas ao longo da história do ensino no país e a inexistência de bibliotecas em condições de servir de base para o desenvolvimento das pesquisas (MILANESE, 1988, p. 43).

Na realidade, pretendeu-se mudar por decreto aquilo que só uma prática a longo prazo poderia alterar, sem contar com a infra-estrutura material que nada contribuía para o desenvolvimento da pesquisa escolar.

Cabe ressaltar que a atividade de pesquisa só poderia ser realizada se os próprios professores tivessem habilidade nessa tarefa e, provavelmente, o maior obstáculo esteja situado nesse ponto. Muitos professores, encarregados de dimensionar a pesquisa como prática elementar do processo educativo, de forma geral e no sentido estrito do termo nunca fizeram pesquisa. A partir daí, a tarefa de pesquisar passou a definir uma nova atividade, aquela que efetivamente poderia ser realizada: copiar textos.

Para atender uma nova exigência do mercado editorial, os editores passaram a oferecer um produto perfeitamente ajustável à nova situação do ensino público: enciclopédias. Algumas delas altamente especializada: “enciclopédias de pesquisa”. Na realidade, essas obras foram planejadas de forma a coincidir os verbetes com os tópicos dos programas de ensino uma vez que a escola circunscreve aquilo que os alunos devem aprender e exige que eles busquem e copiem esse conteúdo fragmentado em verbetes de forma prática e rápida. Às famílias, fizeram a oferta de livros mágicos que supriram os outros, ou pelo menos bastariam para satisfazer as exigências da escola. Por outro lado, as bibliotecas ampliaram os seus estoques de enciclopédias, obras de consultas rápidas de referência, para atender a esse novo público.

A equipe da Biblioteca do Centro Universitário do Planalto de Araxá (UNIARAXÁ) constata que a pesquisa ainda, em grande parte tem se reduzido a mera cópia de textos impressos ou da internet. Um dos aspectos observados que contribui para a reprodução de textos refere-se à falta de delimitação do tema a ser pesquisado e à discussão dos mesmos em sala de aula antes de encaminhar os alunos à biblioteca. É preciso que os estudantes tenham a compreensão prévia do assunto para que saibam argumentar e solicitar, com segurança, o que realmente desejam, facilitando assim a busca eficaz da informação desejada.

Ao longo de tantos anos não houve mudanças significativas no processo ensino-aprendizagem com relação à prática da pesquisa. Antes da pesquisa obrigatória, se a escola fundamentava-se na oralidade “pré-gutenberguiana, passou depois a ter o traço de um enciclopedismo mal copiado. Hoje, com o advento da informática e do acesso à rede

global de informação surge o famoso *cliquismo* seguido do editar, copiar e colar. Nessa nova era informacional, o cenário se repete: autoridades do governo demonstram preocupação com a nova forma de acesso ao conhecimento e lançam programas nacionais para facilitar o acesso à informação digital, equipando escolas e bibliotecas de todo o país, mas ainda permanece a questão chave do problema: o despreparo de professores frente às novas tecnologias de informação e comunicação. Sem as habilidades necessárias para acessar informações confiáveis na *web* e saber interpretá-las criticamente, não é possível o professor introduzir prática da pesquisa. Sem as orientações básicas e necessárias, os alunos continuarão a trilhar o mesmo caminho que os levava à cópia, independente de qual seja o suporte de informação: impresso, eletrônico ou virtual.

2. A proposta do GEPE

Foi imbuído da preocupação com a realidade acima descrita que o **Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação (GEPE) – do UNIARAXÁ** se propôs a desenvolver um projeto de Pesquisa Escolar que buscasse novas possibilidades nesse campo. O grupo vem desde 2004 desenvolvendo estudos relativos à pesquisa científica no âmbito universitário, com a publicação de vários artigos e participação em eventos de cunho científico. A constatação da necessidade do desenvolvimento do espírito investigativo desde a mais tenra idade, leva o grupo a promover novas frentes de estudo, incluindo a pesquisa escolar, para o desenvolvimento de um trabalho junto à **Escola Municipal de Aplicação Lélia Guimarães (EMALG)**. Essa escola, que atende crianças de 6 a 11 anos, funciona no espaço do Uniaraxá desde 1993 e nela se desenvolvem projetos integrados Universidade/ Ensino Fundamental e se realizam oportunidades de estágio para os alunos dos diversos cursos do Centro Universitário, especialmente para os alunos do Curso de Pedagogia.

Entre os objetivos do projeto se insere em primeiro lugar o de sensibilizar os participantes no sentido de reconhecer a pesquisa escolar como instrumento emergencial de ensino-aprendizagem em qualquer nível educacional, do infantil à universidade. Outro será o de desenvolver habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias à orientação do trabalho de pesquisa escolar nos diversos níveis de ensino, nos novos níveis exigidos pela pós-modernidade.

A necessidade de promover maior interação dos professores do ensino fundamental e do ensino universitário para o trabalho cooperativo, significativo, transdisciplinar, necessário à moderna concepção de pesquisa e de conhecimento, justifica a proposta. Nesse contexto

se fará o uso efetivo dos recursos do – Centro Universitário do Planalto de Araxá- (biblioteca e laboratório de informática) – no sentido da otimização das condições de exercício da pesquisa escolar. Nesse item destacamos que não basta disponibilizar os recursos, é necessário integrar competências do Uniaraxá e da EMALG no sentido de fortalecer o uso dos diversos instrumentos necessários à implementação da pesquisa escolar.

Os estudos serão coordenados a partir das reuniões mensais de estudo do GEPE para as quais a Secretaria Municipal de Educação liberou a participação dos professores da EMALG. O suporte pedagógico, a Coordenação da Biblioteca e os professores do UNIARAXÁ partilharão conhecimentos e habilidades com a equipe pedagógica e professores da EMALG. Será constituída assim uma teia de saberes, partilhados através de seminários, palestras e oficinas relativos à temática da pesquisa escolar. Paralelamente as reuniões se desenvolverão as práticas de pesquisa em sala de aula, biblioteca e laboratório de informática, com o suporte da equipe da biblioteca do UNIARAXÁ e dos professores de informática e metodologia científica. Os resultados serão socializados nas reuniões e analisados pelo grupo. A produção e publicação de textos científicos em revistas especializadas e relatos de experiências sobre pesquisa educacional em eventos da área fará parte da culminância do projeto.

O projeto tem o apoio do **Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)** - da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O suporte se efetivará através do estudo contínuo e sistemático, integrado à prática em sala de aula, de importantes obras relativas à pesquisa e ao uso da biblioteca. O eixo de orientação desse estudo se dará a partir dos livros **Como orientar a pesquisa escolar:** estratégias para o processo de aprendizagem – e **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental, ambos de Carol Kuhlthau, traduzidos e adaptados pela equipe do GEBE, sob coordenação da professora Dra. Bernadete Santos Campello que visitará o grupo oportunamente, trazendo pessoalmente suas contribuições e sanando dúvidas que possam surgir no processo. Outros autores que integrarão o referencial teórico do estudo são: ABREU (2009), ANTUNES (1993), BAGNO (2004), CAVALCANTI (1995), CAMPELLO (2009), MAROTO (2009), HERR (1997).

Contardo Caligaris, em recente artigo da **Folha de S. Paulo** (fevereiro de 2011) faz um desabafo que aqui reproduzimos em parte:

Francisco, 8, anuncia: ‘Preciso fazer uma pesquisa para um projeto de grupo sobre a China’. Encarregado das ilustrações, Francisco pesquisa no Google Imagens. A impressora está em pane; alguém leva Francisco e seu *pen drive* para

a casa da tia, a qual interrompe seu jantar para imprimir os arquivos. Em menos tempo (e sem mobilização familiar), Francisco poderia ter memorizado três boas páginas sobre a China, seus costumes, sua história etc.

Há 20 anos, como pai, padrasto, professor, sou perseguido pelas ‘pesquisas de grupo’. [...] Por que diabos, aparentemente gostamos de convencer nossas crianças de que uma procura no Google seria pesquisa? Por que diabos encorajamos trabalhos em grupo que são apenas maneiras de dividir as tarefas e minimizar o esforço? Por que, [...] preferimos emburrecê-las que aborrecê-las?

O projeto e prática proposto pelo GEPE, em parceria com a EMALG vem fazer eco a esse desabafo contra as pesquisas, individuais ou em grupo, com certeza entalado em outras gargantas de muitos pais e educadores inconformados com os rumos tomados pela pesquisa escolar. Que o pedido de socorro aqui veiculado possa também ecoar nos ouvidos de tantos outros que acreditam em novas possibilidades de ajudar os estudantes na construção do conhecimento através da pesquisa. A proposta do GEPE, em sintonia com o GEBE e a EMALG é:

[...] desenvolver nos alunos, desde o início de sua escolarização, de forma seqüencial e sistematizada, habilidades de localizar, selecionar e usar informações que os capacitem para aprender com independência, não só durante sua formação escolar, mas ao longo da vida (KULTHAU, 2010, p. 13).

Referências

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Pesquisa Escolar. In: _____. CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar**: tema para prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 25-28.

ANTUNES, Walda de Andrade. Pesquisa Escolar. In: _____. **Bibliotecas Escolares**: curso de capacitação de professores regentes de biblioteca. Brasília, DF: Walda Antunes Consultorias, 1993, p. 73-75.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola**: o que é como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CALIGARIS, Contardo. Pesquisas de grupo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 de fev. 2010. p. E10.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Pesquisa orientada. In: _____. **Letramento Informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 41-52.

CAVALCANTI, Zélia. **Trabalhando com história e ciências na pré-escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.2.

HERR, Nicole. **100 fichas práticas para explorar o jornal na sala de aula**. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

KULTHAU, Carol. **Como orientar a pesquisa escolar**: estratégias para o processo de aprendizagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca Escolar, eis a questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MILANESI, Luis. A Escola. In: _____. **O que é biblioteca**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 39-53.

Notas

¹ Mestre em Ciência da Informação pela PUC-Campinas, Coordenadora da Biblioteca Central do Uniaraxá.

² Doutora em Educação pela Unicamp, Suporte Pedagógico do Uniaraxá e professora de Didática e Metodologia do Ensino Superior.

*** M.^a Maria Clara Fonseca**

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/4350547306461048>

Endereço eletrônico: clara@uniaraxa.edu.br

*** Prof.^a Dr.^a Maria Celeste de Moura Andrade**

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/5569891803553823>

Endereço eletrônico: celmoura@uniaraxavirtual.com.br